

Marize Lusechen Geraldo

AS CRIANÇAS E SEUS CORPOS NA ESCOLA

BELO HORIZONTE – MG
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG
2009

Marize Lusechen Geraldo

AS CRIANÇAS E SEUS CORPOS NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Anderson, pelo apoio incondicional, aos meus pais Mario e Maria Helena, pelo companheirismo durante minha caminhada, ao meu orientador José Alfredo Oliveira Debortoli, pelo aprendizado e dedicação e apoio durante meu percurso no curso.

Agradeço aos amigos que construí no curso, pela amizade e cumplicidade durante estes quatro anos.

EPÍGRAFE

“Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo...”

Fernando Pessoa

RESUMO

Ao decorrer do meu curso de graduação em Educação Física, realizado na escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, fui me despertando para questões relacionadas a temática da educação escolar, sobre tudo considerando o seu encaminhamento pelas trilhas da educação das crianças e seus corpos na escola. Nesta trajetória de formação acadêmica percebi ao acompanhar algumas aulas de Educação Física em diferentes escolas, uma inquietação minha sobre a forma escolar para as crianças, como em questão o movimento corporal destas no espaço escolar, que em minhas percepções durante as aulas é como uma moeda de troca, onde a imobilidade física funciona como punição, ou segurança para o professor e a liberdade de se movimentar como prêmio. Estas atitudes evidenciam que o movimento é sinônimo de prazer e a imobilidade de desconforto e poder escolar. Se é através do movimento que o indivíduo se manifesta, que indivíduos iremos formar se impedimos sua expressão?

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. ESCOLA.....	11
2.1 Escola e Contextualização.....	12
2.2 Escolarização da Infância.....	13
2.3 Escola e Realidade.....	14
2.4 Escola como Espaço Sociocultural.....	15
3. CORPO.....	17
3.1 O Corpo no Espaço Escolar.....	17
3.2 Cotidiano Escolar para Criança.....	18
3.3 Controle do Corpo na Escola.....	20
4. CONCLUSÃO.....	23
5. REFERÊNCIAS.....	24

OBJETIVOS

Neste trabalho busco nortear meu estudo com um diálogo com os autores, pontuando minhas interpretações. Para isto este terá dois eixos. Iniciando com a escola e seus encaminhamentos a partir de sua historia e contextualização, contudo procurando refletir sobre sua realidade e os sujeitos que nesta cotidianamente se apresentam, intercalando e refletindo com uma compreensão sobre o corpo destes sujeitos e suas interpretações sobre o ambiente escolar onde estão inseridos.

1. INTRODUÇÃO

O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita as pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos, *Strazzacappa (2001)*

No entanto, há um preconceito contra o movimento. Solange Arruda, na introdução de seu livro *Arte do movimento*, afirma que “é mais *chic*, educado, correto, civilizado e intelectual permanecer rígido. Os adultos, em sua maioria, não se movimentam e reprimem a soltura das crianças.”

Como toda relação social se realiza no espaço e no tempo, a autonomia da relação pedagógica instaura um lugar específico distinto dos lugares onde se realizem atividades sociais, a escola.

Desta mesma maneira aparece um tempo específico o tempo escolar, simultaneamente como um período de formação e construção do corpo da criança. Portanto o que, a criança aprende na escola são as civilidades, determinadas regras que são construídas pela ordem escolar e impostas a esta criança.

Esta relação estreita entre processos de escolarização e sociabilização da construção humana, tornam as escolas lugares muitos particulares, a que se referem as necessidades sociais e individuais destas crianças, uma visão do macro diante dos corpos atuantes desta instituição.

Mais especificamente, a relação entre escola e a criança ainda nos dias de hoje se concretiza na intervenção do professor transmitir e o aluno a aprender de forma dada como a única correta.

Embora as escolas conscientes de que o corpo é o veículo através do qual o indivíduo se expressa e traz a sua riqueza individual de formação, o movimento corporal humano acaba ficando dentro da escola, restrito a momentos precisos como as aulas de educação física e o horário do recreio.

Nas demais atividades em sala, a criança deve permanecer sentada em sua cadeira, em silêncio e olhando para frente, sem expressar suas reações diante da ação da aula, ou se então a mesma tenta este movimento de expressão é vetada, e por muitas vezes fica um bloqueio entre sua vontade e sua obrigação, tornando-a uma criança fruto de uma construção

pedagógica de olhos voltados à visão do que a escola coloca como correto. Fica mais cômodo, sem aqui generalizar, mas fica mais fácil a escola moldar a criança e tê-la sobre controle, do que a mesma deixar esta criança aflorar sua própria construção e formação enquanto aluna.

Contudo é inevitável o papel da escola para uma criança na sua formação. Mas vale ressaltar que cada indivíduo vem como uma formação já pré constituída de sua cultura, família, meio social e cabe a instituição escolar não desprezar, mais trazer esta rica experiência para seu cotidiano escolar.

A noção de disciplina na escola sempre foi entendida como “não movimento”.

Historicamente as crianças educadas e comportadas eram aquelas que simplesmente não se moviam. O modelo escolar-militar da primeira metade do século XX era aplicado desde o momento em que a criança chegava à escola. As filas por ordem de tamanho para se dirigirem às salas de aula, o levantar-se cada vez que o diretor ou supervisor de ensino entrava na sala etc.

Atualmente, são raros os estabelecimentos escolares que mantêm este tipo de atitude, encontrado ainda apenas em escolas de cunho religioso, militar e em algumas escolas públicas de cidades pequenas do interior. Nas escolas da rede pública das grandes cidades, esta realidade já não existe. Apesar da ausência destas atitudes disciplinares, a idéia do não-movimento como conceito de bom comportamento prevalece.

Muitas escolas aboliram as filas e os demais símbolos de respeito a diretores e professores, no entanto, foram criadas outras maneiras de se limitar o corpo.

Segundo *Strazzacappa (2001)*... Movimento corporal sempre funcionou como uma moeda de troca. Se observarmos brevemente as atitudes disciplinares que continuam sendo utilizadas hoje em dia nas escolas, percebemos que não nos diferenciamos muito das famosas “palmatórias” da época de nossos avôs.

Professores e diretores lançam mão da imobilidade física como punição e da liberdade de se movimentar como prêmio. Constantemente, os alunos indisciplinados (lembrando que muitas vezes o que define uma criança indisciplinada é exatamente o seu excesso de movimento) são impedidos de realizar atividades no pátio, seja através da proibição de usufruir do horário do recreio, seja através do impedimento de participar da aula de educação física, enquanto que aquele que se comporta pode ir ao pátio mais cedo para brincar, ou de simplesmente interagir com o espaço escolar.

Com isso, pensar na criança como apenas um ser biológico em formação é negar a ela a vida. É necessário ter em mente que através do corpo da criança a mesma desenvolve sua educação, nele estão armazenadas suas características de vida, sendo o seu próprio corpo, a prova mais concreta e capaz de formar sua Educação corporal, a que clama por ser concreta.

Atendendo as necessidades de sua realidade e vice-versa. Essa questão por sua vez perpassa no trabalho educativo do professor, caso contrário uma prática autoritária de comando, onde o movimento corporal não contenha significado, de nada estará servindo para o processo educacional, ocorrendo com isso uma descorporalização.

Descorporalização significa, por um lado, que ao longo do processo de civilização, em uma evolução contínua da racionalização o homem foi tornando-se, progressivamente, o mais independente possível da comunicação empática do seu corpo com o mundo, reduzindo sua capacidade de percepção sensorial e aprendendo, simultaneamente, a controlar seus afetos, transformando a livre manifestação de seus sentimentos em expressões e gestos formalizados (GONÇALVES, 1994, p.17).

Neste trabalho não vou me aprofundar na questão de formação profissional do professor, mas importante pensar na escola como um local com vários alicerces, onde cada um precisa do apoio do outro para ficar em pé, sem desmoronar. O professor insistentemente a corrigir seus alunos não percebe seu movimento ou não movimento seu em sala de aula.

Desenvolver um trabalho corporal com os professores teria uma dupla função: despertá-los para as questões do corpo na escola e possibilitar a descoberta e desenvoltura de seus próprios corpos, lembrando que, independente das disciplinas que lecionam (português, matemática, ciências etc.), seus corpos também educam.

2. ESCOLA

A palavra escola significa em grego o lugar do *ócio*¹, surge na idade média, para atender uma classe social que não necessitava de trabalhar para garantia de sua sobrevivência, mas que percebeu que necessitava ocupar seu tempo de forma nobre e digna. Este lugar é a escola, que inicialmente se instaura como um espaço para o prazer e lazer, mas, com o passar dos anos esta começa a perder esse significado, passando a ser compreendida como um lugar para adquirir informações novas.

Ao decorrer do tempo a escola sofreu modificações e implementações pedagógicas criadas pelas transformações culturais, como na segunda metade do século XIX, que era uma instituição constituída de preceitos higienistas. Ao decorrer dos anos a escola se transformou, mas, enraizou certas tendências tradicionalistas, como salas pequenas, disposição individual de lugares, constituindo um indivíduo que segue ordens.

Centenas de milhões de crianças e jovens vão todos os dias à escola no mundo. Acodem a elas cinco dias por semana, trinta ou mais semanas por ano e um número crescente de anos. A maioria da população infantil e juvenil mundial está escolarizada de uma ou outra forma, e nos países industrializados, capitalistas ou socialistas e nos socialistas não industrializados, a proporção alcança praticamente a totalidade. Permanecem no recinto escolar cinco, seis ou mais horas diárias, mas a sombra da escola se estende para além disso, projetando-se diretamente sobre boa parte de suas horas não escolares (mediante o estudo, as tarefas, as repetições) e indiretamente sobre seu tempo de ócio (atividades extraescolares em tempo extraescolar, jogos "educativos", grupos de iguais com base em relações nascidas na escola, etc.). (ENGUITA, 1989, p.157)

Impossível pensar que com tantas concepções criadas ao decorrer dos anos o espaço escolar ficasse neutro. Tais transformações trouxeram consigo uma série de valores, onde os sujeitos que se relacionam nesta, constroem seus significados e suas interpretações para além do que a escola vincula a eles.

¹ Para os gregos, o ócio não significava não fazer nada, mas sim dedicar-se às idéias e ao espírito. Na Grécia antiga dava-se mais valor ao ócio do que ao trabalho, principalmente entre os atenienses, já que os espartanos eram guerreiros. O cotidiano do povo grego acontecia fundamentalmente nos ginásios esportivos, nas termas, no fórum ou outros lugares de reunião. Interessante notar que a palavra ócio, em grego, é *skole*; de onde deriva a palavra escola em português, que em latim é *schola* e em castelhano, *escuela*. Quer dizer, os nomes dados aos lugares destinados à educação significavam ócio para os gregos. Assim, eles consideravam o ócio como algo a ser alcançado e desfrutado.
Fonte: <http://www.eja.org.br/cadernosdeja/temp...>

2.1 Escola e contextualização

Parece haver um esquecimento, por parte das escolas que seus alunos foram formados em diferentes lugares sociais, Enguita pontua:

Na escola escuta-se toda série de belas coisas sobre o respeito para com a criança, as diferenças individuais e coisas parecidas. Mas nossas ações, em contraposição a nossas palavras, parecem dizer à criança: (ENGUITA, 1989, p.170).

E continua, citando Holt:

Tuas experiências, tuas preocupações, curiosidades, necessidades, o que sabes, desejas, perguntas, esperas, temes, gostas ou desgostas, para o que serves e para o que não, tudo isto não tem a mínima importância, não conta para nada. O que importa aqui, o único que importa, é o que nós sabemos, o que consideramos importante, o que queremos que faças, penses e sejas (HOLT, 1977, p 24)².

O principal objetivo da escola, contudo deve ser o de identificar os aspectos desejáveis e comuns a todos os sujeitos que nesta se inserem. A escola deve ser um local de promoção e integração de todos os seus participantes, numa construção pedagógica onde os saberes sejam estruturados de maneira contemporânea, que estes saberes sejam vivos e atuantes na formação destes sujeitos.

Embora “motivar” seja o verbo da moda na escola, esta constitui como instituição, uma poderosa maquinaria entregue inteiramente ao empreendimento de desmotivar os indivíduos. Crianças e jovens acodem a ela carregados de motivações, mas a obsessão da escola é substituir as que eles trazem pelas que ela considera associadas a objetivos dignos de serem perseguidos. “Motivá-los na realidade, quer dizer convencê-los de que desejam por si próprios ir para onde o professor já decidiu que vão. E, como os objetivos com frequência não são compatíveis, isto implica fazer tabula rasa de todos os que possam entrar em concorrência com os da escola, o que em uma sábia política preventiva acaba por consistir em todos os que eles podem trazer por si mesmos (ENGUITA, 1989, p.181).

A escola ao tratar de integrar seus objetivos, por vezes descarta e sufoca o interesse de seus alunos. A instituição deve priorizar em tratar da realidade dos sujeitos que a interam e deve ser capaz de não apenas tornar estes sujeitos meros reprodutores de conceitos, mas capazes de criar e apontar caminhos para as soluções e percepções que os inquietam.

² - Holt – A face oculta da escola, Mariano Enguita. 1989.

Ao mesmo tempo em que a sociedade busca um aluno pronto para o trabalho e reproduz essa pressão a escola, esta acaba por tentar produzir este aluno apto a este processo, contribuindo apenas na perspectiva capitalista e não de individualidade de cada ser humano constituinte desta.

2.2 Escolarização da infância

Encontramo-nos em um ritmo incessante, onde as informações assumem um ritmo próprio o que para a nossa compreensão torna-se por muitas vezes incompatível com tal velocidade com que estas informações chegam. Com isso a escola instaura modos de experimentação das informações, pautadas de acordo com a organização da mesma.

Segundo Pereira (2002), ao buscar articular estas reflexões à experiência do ciclo da vida, encontramos no contexto contemporâneo uma infância impelida precocemente à jovialidade.

É certo que inúmeras atividades e situações cotidianas se apresentam indistintamente para adultos e crianças, posto que derivam de uma base social comum. Entretanto, o modo como cada grupo dá sentidos a essas experiências é singular. Para os adultos, estas se apresentam em forma de problema- prático ou filosófico- a resolver. Já para a criança, o desvendamento desse mundo, bem como a compreensão das transformações históricas- seja daquilo que a antecedeu, seja que testemunha em seu percurso de vida- encontra-se circunscrito do lúdico e é atuando nessa esfera que originalmente a criança passa a tomar consciência das suas intervenções e re-significar o lugar social que ocupa. (PEREIRA, 2002, p152-153).

O cotidiano escolar se apresenta distante em relação entre os professores e as crianças, um modo de experiências muito distintas do que realmente a criança possa absorver em sua esfera de compreensão. Por vezes o espaço de desenvolvimento do professor acaba por não perpassar no mundo infantil o que por resultado esta criança acaba por significar este desenvolvimento aplicado na escola, anulando sua construção e desenvolvimento próprio de conceitos apresentados e não toma como mais uma concepção e sim como única.

Pereira (2002), ainda pontua a dificuldade crescente entre a divisão da infância e da vida adulta, por um lado, percebemos a infância marcada por um amadurecimento precoce, adultizada, envolvida em práticas até então próprias do adulto, por outro lado, percebemos um adulto que se recusa a amadurecer. Clara evidência de que as fazes que o sujeito deva passar a

viver e compreender, juntamente reconhecer e significar, não são reconhecidas, ou então, desenvolvidas no espaço escolar.

Por consequência o que temos hoje na escola é uma criança dependente do adulto para suas informações e construções cotidianas, ao que deveria o adulto (professor), ser um condutor de auxílio e não apenas transmissor de informações. Valorizar, instigar, refletir e recuperar a capacidade deste aluno a viver, pensar e significar seu espaço e seu momento é deixá-lo compreender por si próprio que por vezes simples e compreendido pelo adulto, como a sala de aula, banheiro, parquinho, cantina, biblioteca, a rotina escolar, podem ser tornar espaços de criação onde estes sujeitos possam por sua compreensão mediar e interpretar a funcionalidade da escola, e o porquê estarem inseridos nesta, sem restringir seu movimento e tempo para absorver, tampouco sua reflexão sobre os conhecimentos sociais e escolares.

Neste sentido, pensar na criança e no seu ingresso escolar é pensar em um processo de produção e apropriação da fase deste sujeito e por consequência introduzi-la neste universo, sem imergir e anular suas práticas e significações por este espaço.

2.3 Escola e realidade

A escola deve compreender em sua concepção de construção humana a necessidade e importância de transmitir e estabelecer políticas coerentes, situações reais e específicas que sejam capazes de colaborar para a melhoria da formação de seu aluno, contudo esta construção e formação não devem ser de maneira isolada.

A realidade mudou bastante nos últimos anos, exigindo cada vez mais que a escola acompanhe essas mudanças. Hoje não podemos ter em seu meio um ensino fragmentado, dissociado da realidade, mas sim um comprometimento que prepare seus atores para enfrentarem o processo de globalização (PIRES, 2007, p.29).

Contudo a escola deve buscar possibilidades e condições para que a sociedade, comunidade que estiver ingressando nesta tenha sua formação com responsabilidade de construção de conhecimentos que acompanhem o conhecimento destes, lembrando que a escola deve ainda proporcionar momentos de reflexões sobre a realidade destes sujeitos, para que estes tomem consciência de sua função de cidadão, tanto para sua vida social quanto em sua formação crítica, assim:

Para isso, deve a escola desenvolver características como pluralismo de idéias, a liberdade e a autonomia didático-pedagógica e, de outro lado, ampliar a capacidade de resposta às necessidades da comunidade, buscando maior pertinência social e fazendo com que essa comece a participar das decisões em seu meio (PIRES, 2007, p.30).

Percebe-se que na realidade a escola enfrenta dificuldades em transformar posições tão enraizadas em seu desenvolvimento institucional, o que se torna um enfrentamento entre as ações integradas pelos alunos e a formação integrada pela escola:

A prática da escola, através de uma relação mais direta com a sociedade, deve possibilitar a intervenção e a transformação da realidade social, permitindo assim perceber e investigar problemas, para então desenvolver ações que conduzam à conquista do desenvolvimento humano da sociedade, priorizando atividades na área da educação que, como consequência, proporcionam a construção de novos conhecimentos, a reconstrução de um novo pensamento e a participação social voltados para as necessidades sociais mais emergentes de seu meio. A interação entre escola e comunidade está sendo um espaço crescente como elemento para a construção/resgate da cidadania (PIRES, 2007, p.30).

Para que este movimento aconteça à escola, deve-se buscar em sua reformulação a permanente atualização dos componentes que fazem parte do cotidiano escolar. O equilíbrio entre transmitir e reconhecer a formação dos sujeitos que nesta escola estão inseridos só será efetivada com esta frequente reflexão dos componentes que a conduzem.

Para que a escola interaja com a realidade que em sua porta bate insistente, a mesma deve-se vincular a realidade daqueles que a frequentam, com ações de reflexão-ação, para assim tentar iniciar um processo constante de atualização a qual a sociedade hoje demanda.

2.4 Escola como espaço sociocultural

Muito além de a escola ser um espaço educacional, a mesma recebe todo dia influências da cultura externa, cada aluno tem e traz consigo suas próprias experiências para a escola. Então ao falar da escola como espaço sócio cultural implica diretamente no pensamento de resgatar o papel dos sujeitos neste espaço em que estão inseridos e reconhecê-los como atuantes e não apenas presentes a instituição.

Uma escola sem pessoas seria um edifício sem vida. Quem a torna viva são as pessoas: os alunos, os professores, os funcionários e os pais que, não estando lá permanentemente, com ela interagem. As pessoas são o sentido da sua existência. Para elas existem os espaços, com elas se vive o tempo. As

peças socializam-se no contexto que elas próprias criam e recriam. É o recurso sem o qual todos os outros recursos seriam desperdícios. Têm o poder da palavra através da qual se exprimem, confrontam os seus pontos de vista, aprofundam os seus pensamentos, revelam os seus sentimentos, verbalizam iniciativas, assumem responsabilidade e organizam-se. As relações das pessoas entre si e de si próprias com seu trabalho e com a sua escola são a pedra de toque para vivência de um clima de escola em busca de uma educação melhor a cada dia. (ALARCÃO, 2001)³.

Contudo, perceptível que a instituição escolar enfrenta um confronto de interesses que de um lado existe uma organização oficial do sistema educacional que define e atribui funções que a hierarquia prevalece imutável. Já pelo outro lado, há existência de um processo permanente de construção social pelos alunos e profissionais que neste se inserem. Por consequência a instituição escolar, a cada instante, instaura uma construção cotidiana de relações culturais, as quais se tornam quase que inseparáveis da relação da aprendizagem, seja ela sistematizada ou social.

Indispensável a escola reconhecer e atribuir aos alunos à elaboração e reelaboração dos processos ensino/aprendizagem, para que ocorra de forma a qual o conhecimento do aluno não seja apenas reconhecido e tratado homogeneamente. Este movimento acabaria por considerar a totalidade e dimensões humanas tão latentes nos sujeitos da escola.

Vemos, então, que o desafio da escola e do professor consiste em refletir sobre as relações que se estabelecem, em seu cotidiano, entre a expressão de cada um, seu movimento e seu corpo. Garantir que a disciplina não seja um sinônimo de imobilidade corporal, mas, sim, seja fruto de uma construção coletiva, é tarefa desejável. Neste sentido, o papel da escola é promover mudanças em uma sociedade heterogênea, é a “busca de qualidade de vida para todos, justiça social e que promova a convivência entre as diferenças, que respeite as expressões culturais de cada grupo social e, neste caso, o corpo necessita de ser ‘libertado’ para que as pessoas possam desenvolver os seus potenciais, as suas compreensões de mundo” (Santoro, 2005).

Pensar na criança é pensar em sua plenitude de desenvolvimento enquanto criança e aluno, suas dimensões e implicações diante do espaço escolar.

³ Alarcão, 2001 – Retirado do texto: A escola e sua contribuição na formação de sujeitos: um olhar a partir da nova concepção de currículo. Pierre André Garcia Pires.

3. CORPO

O corpo não pode ser visto só pelo aspecto biológico, o corpo é a expressão da cultura, existindo influência cultural em toda sua expressão. Ao pensar sobre o corpo, pode-se ocorrer o erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal, já que homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Contudo, entre as semelhanças e diferenças físicas existe ainda um conjunto de significados que cada sujeito carrega consigo, adquirido na sociedade a qual pertence, construídos ao longo do tempo, conhecidas como técnicas corporais ou maneiras de se comportar próprias de cada sociedade, como: a forma que nos expressamos, como caminhamos, os cuidados higiênicos com o corpo, todos são influenciados pela cultura.

Devemos considerar todos esses dados para melhor trabalhar o desenvolvimento do indivíduo e não considerar o corpo como mercadoria. Uma relação que diretamente infere na expressão do corpo é o tempo escolar, contudo a relação adulto e criança, que perpassa em compreensões muito distintas, como, emparelhamento das crianças no universo escolar, com um distanciamento do seu mundo real ao mundo escolar, desafios do cotidiano: como a organização dos espaços e dos tempos, respeito aos ritmos fisiológicos não ficam claros no tempo escolar.

3.1 O Corpo no espaço escolar

Do momento em que o aluno ingressa na escola, o mesmo adquire um conhecimento específico sobre o ambiente em que estará inserido, consequentemente, acaba absorvendo um movimento homogêneo. Para auxiliar o aluno na percepção de seu próprio corpo, o espaço escolar deve considerar que o corpo sente, o corpo expressa, o corpo comunica e o corpo cria e significa.

O corpo sente a partir do momento em que o indivíduo se comunica com o mundo, a partir deste ponto este começa a estruturar sua percepção sobre os sentidos, contudo o corpo se expressa de diversas formas, mesmo quando quer ocultar, este está se expressando.

O corpo expressa não somente nossa história individual, mas também a história acumulada de uma sociedade, que nele imprimiu seus códigos. A tendência do homem moderno é reprimir sua expressividade corporal, criando com isso formas estereotipadas de comportamento corporal. Liberar o movimento espontâneo é liberar o nosso eu autêntico, é deixá-lo ir ao encontro do mundo, descobrindo sua verdade (GONÇALVES, 1994, p.152-153).

A partir do momento em que o corpo se expressa, naturalmente o mesmo encontra a necessidade de se comunicar. A comunicação inicial é a corporal, anterior a qualquer entendimento verbal, a palavra compreende também a corporeidade. A linguagem e o movimento corporal são essenciais para o indivíduo interagir no espaço escolar ao instante que este deve interagir com o movimento corporal deste indivíduo e unir-se a produção deste sentido. Pois uma vez se comunicando este cria e significa:

Em cada movimento corporal, o novo é criado. O movimento corporal nunca se repete, pois uma situação nunca é a mesma como também não é o homem. Ser capaz de captar o novo em cada situação, isto é, de atribuir novos significados e de agir criando o novo em si próprio, parece ser a essência da criatividade. A criatividade tem sua raiz no “corpo próprio” E está no cerne de toda transformação (GONÇALVES, 1994, p.153).

Portanto o indivíduo deve encontrar no espaço escolar possibilidades de experiências corporais procurando resgatar a sensibilidade, expressividade, criatividade a espontaneidade dos alunos em espaços que seus movimentos e sua capacidade comunicativa sejam de forma heterogeneia, demonstrando e proporcionando a cada indivíduo sua própria característica de construção individual.

3.2 Cotidiano escolar para a criança

No momento que a criança se insere no espaço escolar, várias dúvidas, descobertas e movimentos novos aparecem e acontece como pontuado no capítulo anterior esta criança tem um corpo que conseqüentemente sente, expressa, comunica, cria e significa. Todavia estabelecer uma relação entre o que a criança aprende no cotidiano e como isto acontece na interpretação do professor torna-se perceptível que:

(...) cotidianamente percebemos que as manifestações corporais, assim como outras, continuam sendo reguladas de tal modo que permaneçam sob controle intenso de certas convenções, o que representa a supressão do próprio prazer, que acaba sendo substituído pela realização de falsos

prazeres. Dessa maneira, são aceitas somente práticas que promovem o ajuste social e/ou que servem como elemento de catarse para eliminação daquilo que é *dispensável socialmente*.

Na escola os traços dessa dominação podem ser rapidamente identificados, na medida em que a sua cultura elege como elemento supremo a mente e aponta o corpo como algo ínfimo e sem valor. Ao mesmo tempo em que o indivíduo é entendido e tratado de forma cindida, e essa é uma característica de nossa sociedade, a dominação ganha espaço, e o corpo, como a dimensão de menor interesse, fica restrito aos interesses de instrumentação e eficiência.

Desde de cedo, todo e qualquer aluno identifica e aprende a seguir várias regras que colaboram para o desenvolvimento de um autocontrole sobre suas ações no âmbito escolar, e que em maior ou menor grau, representam algum tipo de sacrifício, seja ele corporal ou não. (OLIVEIRA, 2006, p.59-60).

Inicialmente, a fase da educação infantil parece ser um momento o qual a criança explora suas estruturas culturalmente já elaboradas e conhecem outras. Goulart (2008), traz uma reflexão sobre este momento o qual a criança desde o início já cumpre um papel significativo neste cenário educacional, com até as suas brincadeiras, que são coordenadas com um fundamento pedagógico que garantam a condição da necessidade de consciência tomada pela elaboração da escola, compreendida como fator de construção de formação destas crianças.

Oliveira (2006), pontua que dessa maneira os indivíduos, submetidos à regulação do tempo e do espaço, seguem controlando-se e controlando os outros, pois é a lógica de rendimento da grande máquina de ensinar - a escola.

Desta forma a criança absorve o conteúdo que lhe é apresentado e até mesmo suas brincadeiras e suas ações, até então naturais de seu corpo e de sua essência natural de movimentar-se de acordo com seu entendimento, tomam sentido mais objetivo. Contudo essa posição da escola acaba por dilacerar e não respeitar o momento de cada indivíduo.

O corpo fala e esse deve ser o eixo norteador do planejamento e ação docente. É através da reação dos alunos e da receptividade das aulas propostas que o professor vai reelaborando as atividades subsequentes, construindo planejamentos participativos com os alunos e comunidade, valorizando seus saberes socioculturais e evidenciando as grandes possibilidades e contribuições educativas que a disciplina apresenta. (ARAGÃO e col. 2001, p.129).

Importante pensar que a função docente não é só atribuir a este indivíduo a transmissão dos saberes, mas como também auxiliar o aluno a construir sua capacidade de olhar para si mesmo e perceber sua existência e sua relação com o outro.

Aragão e col.(2001), ainda apontam como fundamental esse pensamento para assim propiciar a formação da auto imagem e da auto-estima pois o aluno terá consciência de suas possibilidades e limites e isto facilitara a busca para superação de dificuldades pessoais.

3.3 Controle do corpo na escola

Segundo Gonçalves (1994)... A escola é uma instituição social e, como tal, se encontra numa relação dialética com a sociedade em que se insere. Ao mesmo tempo em que reproduz as estruturas de dominação existentes na sociedade, constitui-se em um espaço onde se pode lutar pelas transformações sociais

As práticas escolares trazem a marca da cultura e do sistema dominante, que nelas imprimem as relações sociais que caracterizam a moderna sociedade capitalista. Com relações de domínio e controle, assumindo características específicas. A forma de a escola controlar e disciplinar o corpo estão ligados aos mecanismos das estruturas do poder resultantes de um processo histórico da escola, onde se estipulava regulamentos para o comportamento corporal dos alunos, controlando seus corpos no espaço escolar e automaticamente para seu movimento fora da escola, pois o domínio afetivo retido no espaço escolar de alguma forma era reproduzido fora do contexto escolar.

Os regulamentos da escola inseridos nos conteúdos das disciplinas, nos livros, discursos e do hábito do professor, tinha como por objetivo eliminar movimentos naturais e espontâneos dos alunos. Em um exemplo clássico podemos observar esta ação, na distribuição dos alunos em sala de aula com filas e posturas, cujo movimento reflete a repressão de movimento, contudo a aprendizagem de conteúdo fica nula de aprendizagem do corpo, ainda que a maior parte das vezes a aprendizagem na escola não se da em elaboração de experiências sensoriais, mas, de como acumular conhecimentos que são aprendidos por meio de palavras e sem nenhuma participação do aluno com seu movimento natural de conhecimento e resposta. Constatamos que a escola busca características do processo civilizatório de formalizar as ações humanas em geral, anulando a participação corporal e individual de seu aluno.

Ao observar uma aula de educação física de um determinado professor percebe-se a diferença entre deixar o aluno se expressar em aula. Naquela atividade para quem olhava de fora pensava que a aula estava totalmente fora de controle do professor, mas para aqueles alunos que estavam realizando a aula à mesma tinha outra concepção, outro gosto.

Muitas vezes pensar em uma aula boa não significa que os alunos deverão apenas realizar o movimento de acordo como o professor mostrou, ou ordenou. Ao fim da aula o professor reuniu os alunos para conversar sobre a aula, todos sem exceção, queriam comentar sobre o que havia aprendido naquela aula. Além deste maravilhoso resultado os sorrisos dos rostos daqueles alunos era a melhor resposta ao professor. Diferente do cotidiano em que vemos os alunos chegando e saindo da sala com rostos e expressões de desânimo e desmotivação. Devemos cuidar para não desprover o aluno da magia de estar na escola e senti-la de uma forma prazerosa, retendo assim a obrigação de apenas estar presente a escola por obediência dos pais.

(...) a disciplina corporal não pode ser realizada de maneira arbitrária, produzindo corpos disciplinados que não reflitam sobre sua necessidade. Ao contrario, deve servir como um instrumento que auxilie a tomada de consciência dos indivíduos, tornando-os aptos a exercerem uma auto-reflexão sobre a sua importância, bem como sobre a melhor forma de realizá-la (OLIVEIRA, 2006, p.61- 62)

Ao momento que a aluno sente estar fazendo parte do contexto da aula o mesmo se expressa e se desenvolve de maneira diferente. Atribuir a ele seu espaço de formação individual, não é mais do que deixá-lo enriquecer sua formação e sua própria legitimidade diante do contexto atribuído a ele.

Em um trabalho de campo, com uma turma de alunos do oitavo ano pude constatar a falta da legitimidade de reconhecimento de seu próprio corpo. Em determinado momento da aula os alunos não sabiam desenvolver a atividade de forma diferente a da qual o professor havia passado. Em várias situações os alunos praticavam a atividade de forma apenas diferente e não errada, mas por não terem a consciência de reconhecimento de outras formas daquela atividade. Automaticamente se reprimiam diante do fato, evidenciando uma repressão ao seu próprio movimento corporal.

(...) um dos motivos de nossa atual dificuldade em trabalhar com os adolescentes, visto que estes já passaram por um amplo processo de contenção na escola, provocado principalmente por seus professores, muitas vezes sem nenhuma justificativa. Nesse ponto, não podemos esquecer que até mesmo a imagem corporal do docente serve como elemento coercitivo diante do educando, principalmente nas etapas iniciais de escolarização. Sendo assim, não seria estranho levantar a hipótese de que a revolta

demonstrada por alguns adolescentes em relação à autoridade do professor advenha de experiências repressivas vivenciadas no passado (OLIVEIRA, 2006, p.62).

Inevitável que para o aluno adquirir essa consciência é necessário que o professor, e escola se desprendam deste controle corporal, reconhecendo que cada indivíduo necessita expressar e manifestar sua vontade.

4. CONCLUSÃO

Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pelo espaço escolar, servir ou não de modelo. De uma forma ou de outra, estamos educando corpos.

Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando.

O espaço escolar deve considerar que cada indivíduo não é neutro de formação e conteúdo cultural, contribuir para que este tenha espaço para sua movimentação, exploração e construção individual de suas concepções são torná-lo parte da instituição. Além de a mesma reconhecê-lo como parte atuante e não apenas presente, está acabaria por passar a tratar do aluno como a parte mais importante para uma concepção pedagógica.

5 REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Marta Genú Soares, TORRES, Alessandra Neves, CARDOSO, Cintia Karine Nascimento. **Consciência corporal: Uma concepção filosófico- pedagógica de apreensão do movimento.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, CBCE, v.22, n. 2, p. 115- 131, jan., 2001.

CRESPO, Jorge. **A história do corpo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A., 1990,p 463-577.

ENGUITA, Mariano Fernandez. **A face oculta da escola:** educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, Artes Médicas, 1989.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da educação física. São Paulo: Scípione, 1989.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir:** corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **Vigilância punição e depredação escolar.** Campinas: Papirus,1988.

OLIVEIRA, Luciana Paiva Alves de. **Violência, corpo e escolarização: apontamentos a partir da teoria crítica da sociedade.** In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda de. (Org) **Educação do corpo na escola brasileira.** Campinas: Autores associados, 2006.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. **Tudo ao mesmo tempo agora: considerações sobre a infância no presente.** In: GONDRA, José Gonçalves (org.). **História infância e escolarização.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.

PIRES, Pierre André Garcia. **A escola e sua contribuição na formação de sujeitos: um olhar a partir da nova concepção de currículo.** Anais do VI congresso de letras- **Linguagem e cultura.** 2007.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas á educação infantil e a educação física.** . Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, CBCE, v.23, n. 2, p.55-67, jan., 2002.

SANTORO, Marco. **A questão da corporeidade do cotidiano escolar.** Mimeo, 2005.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** Cad. CEDES. Campinas, v. 21, n 53, Abr, 2001.

VINCENT, Guy, LABIRE, Bernard, THIN, Daniel. **Sobre a história e a teoria da forma escolar.** Educação em Revista. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, n. 33, p7-47, jun., 2001.